

# **4<sup>a</sup> Parte**

---

**Discursos**

# Discurso de posse na Academia Cearense de Letras

*Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez*

Senhor Presidente da Academia Cearense de Letras, senhores acadêmicos, senhores membros da Mesa, senhores representantes de entidades culturais, senhores professores, alunos e funcionários da Universidade Federal do Ceará, meus pais, meu marido, *mi suegra*, meus filhos, irmãos, sobrinhos, parentes e amigos.

Quando a menina de cinco anos deixou o casarão do bisavô, onde nascera, seus olhos fixaram-se, ainda uma vez, no retrato que dominava o longo corredor de entrada. Cabelos e bigodes brancos, os olhos meio escondidos sob lentes, o rosto do bisavô emergia de duro colarinho. A menina, apertando contra o peito seu bebê de corpo de borracha e cabeça de louça, quase se despediu do bisavô, tão vivo no retrato e nas histórias que ouvia, todos os dias, naquela casa.

Hoje, a mulher retorna à Casa de Tomás Pompeu. Ao entrar, depara-se com o mesmo rosto antigo que povoara sua imaginação de menina. Que caminhos a trouxeram ao reencontro com o bisavô? Este é o percurso que pretendo, nessa noite amiga, lhes contar.

Na casa antiga, a mãe de cabelos negros anelados contava histórias de reis e rainhas enquanto penteava os cabelos lisos da menina. O avô chegava de noite trazendo histórias de fazer rir. E a menina ria, ria e esquecia o medo dos cantos escuros do casarão, o medo das figuras tenebrosas do imenso livro da biblioteca. É o Inferno de Dante, dissera-lhe o pai. No salão que abrigava a biblioteca do bisavô, o piano de cauda, as cadeiras de brocado e o grande espelho ovalado, a menina podia escutar risos comedidos, conversas em que as vozes não se alteavam, adivinhava prantos contidos no silêncio amedrontador. Ali, começou a exercer, sem o saber, o ofício de ficcionista, ao tentar recontar-se as histórias que ouvia e as que intuía - as histórias do casarão e as histórias que se escondiam nos livros que povoavam as imensas estantes da biblioteca.

Na cozinha, a velha Lica contava histórias que ouvira dos avós da outra banda: Angola, Congo, longes terras. Era rei, era rainha, não tinham coroa, não tinham arminho. Um dia, nem tinham mais reino, outro dia, tinham sinhô e sinhá, tinham ioiô, tinham iaiá para criar. E um dia, foi a menina que já não tinha o casarão. Amanheceu no sítio de Mondubim: o mundo do Picapau Amarelo lido e vivido sob as mangueiras e nas longas noites sem sono. Era Narizinho, era Pedrinho, era, de preferência, a espevitada Emília, tudo a depender das aventuras e do humor do dia. Às vezes, a cena mudava, e no castelo do conde de Dorincourt, era a pequena lady Fauntleroy.

A menina já ia ao colégio mas achava que o melhor da vida eram as férias. Aí podia abraçar o livro que o pai lhe deixava nas mãos, antes de sair para o trabalho e ler, reler, inventar até que a Estrela d'Alva surgisse no céu e o pai no portão... Inventava aventuras de capa e espada. Era D'Artagnan, lutando pelos amigos, pela dama de seus sonhos. Primeira menina corsária, lutava ao lado dos destemidos homens do mar de Rafael Sabatini. Michel Zevaco lhe ensinou os terríveis meandros que levam à Ponte dos Suspiros, na Veneza dominada pelas intrigas do Cardeal Bembo. Com Dickens, era David Copperfield, sofrendo os rigores da vida de órfão na severa Inglaterra. Com Ivanhoé, que a menina chamava de *Ivanhoé*, participava de lições medievais. Heroína de Jules Verne, a menina penetrava sem medo em regiões ignotas: o fundo do mar, o centro da terra, ilhas perdidas, terras geladas, a lua. Conhecia Paris como a palma da mão: ao lado de Esmeralda, vivia no ventre da Igreja de Notre Dame, com os mosqueteiros do rei percorria tavernas e castelos, com Buridan caminhava destemida pelo Pátio dos Milagres. Mark Twain a levava Mississipi acima, Mississipi abaixo, acompanhando as danações de Tom Sawyer. Madame de Ségur tentava, inutilmente, juntá-la às suas meninas exemplares. As primeiras lágrimas de leitora vieram por causa de um livro velho, de páginas desgastadas, *Coração*, de Edmondo D'Amicis. Escondia-se para chorar à vontade pelos sofridos meninos italianos. De noite, mudava-lhes a sorte e eles, agradecidos, vinham-lhe fazer companhia.

Em visita aos avós paternos, escutava versos de Bilac, Raimundo Correia, Casimiro de Abreu, que a avó Bela sabia de cor. Alguns,

eram musicados e cantava com a avó: ai, que saudades que tenho/ da aurora da minha vida...O pai colecionava discos de poesia. Os jograis de São Paulo enchiam o silêncio das noites de Mondubim: Mestre Carlos, rei dos mestres, aprendeu sem se ensinar...ele reina nas águas, ele reina no mar...Drummond lia, com voz embargada: Minha mãe, disse depressa, que vestido é aquele vestido pendurado naquele prego? Minhas filhas, boca presa, vosso pai é-vem chegando... Bandeira se entusiasmava: Vou-me embora prá Pasárgada/ lá sou amigo do rei...

Mudança outra vez: casa nova, ainda que alugada. E agora , o pai já vinha para o almoço. Ia chegando e perguntando: já leu *A morgadinha dos canaviais*, que deixei no seu quarto? *Uma família inglesa?* *Amor de salvação?* *Amor de perdição?* Portugal deixava, aos poucos, de ser apenas a terra dos colonizadores que exploravam o Brasil. A Guida resgatava antigas mágoas da menina contra a metrópole dos velhos tempos coloniais. E, um dia, o pai lhe deu para ler um romance de Alencar. Todos os romances de Alencar, em suas capas verdes com uma palmeira na lombada, passaram pelas mãos ávidas da menina. Sua mente povoava-se de cavalheiros e damas da corte, seu quarto abrigava a rua do Ouvidor, por onde passeavam gentis senhorinhas, os pezinhos escondidos em botinas de pelica e seda. Muitas vezes, agitavam-lhe os sonhos as lutas heróicas do índio guarani, a melancolia do sertanejo Arnaldo, as cavalgadas do gaúcho pela amplidão dos pampas...E eis que, em meio à névoa cinza, divisava a Londres de Conan Doyle: Sherlock Holmes, seu cachimbo, seu amigo - Elementar, meu caro Watson ! -, e sua fabulosa imaginação. Guerra e paz.... A graciosa Natacha não deveria ter continuado fiel à memória de André? Lia Maupassant e Anatole France em francês., isto é, mais adivinhava do que propriamente lia. Boule de suif... pobre Irma usando o corpo para envenenar os prussianos inimigos de sua pátria. Le jongleur de Notre Dame caprichando em malabarismos diante do altar da Virgem...

Um a um, ia conhecendo os mistérios que se encerravam nos livros da biblioteca do pai. Mundos a descobrir... acompanhava Ray Bradbury em poéticas viagens a misteriosas galáxias. Descobriu o Brasil, o sertão que nunca vira: Rachel, Graciliano, José Lins do Rego - as dores do Carlinhos... Sonhava com a Bahia cheia de graça

de Jorge Amado. Com Rodrigo Cambará, de Érico Veríssimo, enfrentava valorosamente as guerras do sul. Uma vez, o pai, com ar de mistério, um brilho diferente no olhar, lhe entregou um livro grosso, que a mocinha sempre via em suas mãos, na mesinha de cabeceira, no birô, nas estantes, nas redes da varanda, na mesa de jantar: *Grande sertão: veredas*. Folheava-o, às vezes, mas nunca começara a lê-lo. Conhecia algumas passagens que o pai contava, e as que ele recitava de cor..... A Deus dada. Pobrezinha... E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor - e mercê peço: - mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube...Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita...-. Na primeira vez que leu *Grande sertão*, saltava páginas inteiras de descrições de passarinhos, de paus de toda sorte, de florzinhas.. depois já não queria nem podia despregar-se do livro. Era Diadorim, a donzela-guerreira, que sempre sonhara ser!

Mais tarde, o grande espanto: o universo abissal de Machado, um mundo inquietante, sem heroísmo, sem uma linha a separar o Bem e o Mal. De Machado a Eça, de Eça a Dostoiévski -ai, a dolorida alma russa a expiar culpas universais! -, de Dostoiévski a Baudelaire, de Baudelaire a Kafka, de Kafka a Camus, de Camus a Sartre, o mundo se esfacelava, as certezas se dissolviam....

E a mocinha, em colégio de freiras, com o peso do mundo às costas, inventou de entrar na Ação Católica: Michel Quoist, Antoine de Saint-Éxupéry e enquanto a mocinha lia, juntando às próprias perplexidades as dores existenciais de personagens de Clarice, a vida corria. Até que um dia, a ordem era silenciar. A mocinha lia *L'éducation européenne* e pensava romanticamente numa nova versão da resistência francesa, enquanto os porões gemiam.

Senhores acadêmicos, meus pais e minha sogra, Oswaldo, meus filhos, minhas tias e meus amigos:

Se, leitora ávida e apaixonada, mergulhei, desde criança, no mundo encantador, misterioso, tenebroso, sedutor da vasta e bem selecionada biblioteca de meu pai e meu guia; se fui criada ouvindo histórias contadas por meu avô, meu tio Thomaz, minha tia Maria e minha mãe e lendo ficções e poesias que comentava com meu pai,

encaminhar-me, ao terminar o colégio, para a Faculdade de Letras, pareceu-me natural e lógico, uma via sem desvios.

Munida do idealismo que alimentava grande parte da juventude estudantil dessa época e de esperanças no Brasil grande e justo, assisti ao desmoronar da idade da inocência, ao entrar na Universidade. Havia-se instalado, também na república das letras, o Limite, a cerca, às vezes visível e às vezes intuída, entre o permitido e o censurado intelectualmente. O país vivia a experiência traumática que, mais tarde, em samba alegórico, *Vai passar*, Chico Buarque chamaria de “página infeliz de nossa história”.

Felizmente, sobrepujando, com a palavra poderosa, com o talento natural e com a experiência pessoal na criação literária, o ensino árduo da época, dois professores-escritores marcaram-me e à minha geração no contacto com a literatura: o saudoso Prof. José Maria Moreira Campos, na disciplina Literatura Portuguesa, e o Prof. Artur Eduardo Benevides, na disciplina Literatura Brasileira. O primeiro, grande contista, transmitia, muito além dos meros dados de informação sobre a literatura em Portugal, a graça e o humor de sua palavra e o amor pela ficção e poesia, trazendo-nos, com encanto, outras vozes, como as vozes antigas que povoaram *Os Lusíadas*, ou as dos personagens de seu amado Eça de Queirós. O segundo, poeta consagrado, ensinou-nos, sobretudo, a amar a poesia, *al di lá* dos fatos, nomes e dados da história literária brasileira. Atento às coisas do nosso Ceará, criou uma disciplina - Literatura Cearense - que, tem sido, incontestavelmente, benéfica ao desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre autores e temas cearenses, ao implicar a análise detida dos fatos literários no Ceará.

Outro professor de literatura, Pedro Paulo Montenegro, retomando de cursos feitos na Espanha, iniciou, no Ceará, estudos sistematizados de Teoria da Literatura, ministrando, na UFC, esta disciplina que, na década de 50, Afrânio Coutinho introduzira na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A disciplina foi, indubitavelmente, o passo inicial para a organização de meu pensamento crítico literário.

Nos cursos de literatura francesa, com Milton Dias, destaco a maior aproximação que me permitiram com autores como Corneille, Racine, Molière, Chardel de Laclous, Victor Hugo, Flaubert, Balzac,

Stendhal, entre outros, e, na literatura deste século, sobretudo, com Albert Camus. Nos cursos de literatura italiana, ministrados pelo Prof. Hesíodo Facó; enriqueci-me, sobretudo, com a leitura da *Divina Comédia*, de Dante. Além do conhecimento tão universalizante e variado que a obra de Dante me propiciou, saliento que, para mim, sua obra significou a porta de entrada ao mundo clássico, instando-me à leitura imprescindível das obras do personagem-guia de Dante no *Inferno*, Virgílio, e da *Poética de Aristóteles*, entre tantas outras. É com prazer que também registro a contribuição de outros professores para a formação acadêmica de minha geração: Francisco Garcia, Antônio Pessoa, Luiz Tavares Júnior, Edgar Linhares, José Alves, Plínio de Sá Leitão e, aqueles que não mais estão entre nós, Rebouças Macambira e Padre Luz.

Na impossibilidade de cursar espanhol, que não era oferecido na graduação da Universidade, fiz alguns semestres de estudo na Cultura Hispânica e me dediquei, por conta própria, a leituras, no original, de autores espanhóis e hispano-americanos, interesse ampliado como desejo de aproximação à cultura de meu marido, Oswaldo Gutiérrez, de origem peruana. Pude, então, redeliciar-me com as aventuras do Cavaleiro da Triste Figura, que conhecera na infância, através da pena irreverente de Monteiro Lobato, e, na adolescência, através de traduções ricamente ilustradas por Doré e conhecer o mundo fascinante que o chamado “boom” literário hispano-americano oferecia: Borges, García Márquez, Alejo Carpentier, Julio Cortázar, Vargas Llosa, Manuel Scorza, José Maria Arguedas, Alfredo Bryce Echenique, Miguel Ángel Asturias, Carlos Fuentes, Lezama Lima, entre tantos mais.

Comecei a ensinar literatura na Universidade, na disciplina de Literatura Cearense, sob orientação inicial do Prof. Artur Eduardo Benevides. Organizei programa de depoimentos de escritores, críticos, enfim, intelectuais cearenses, que motivavam os alunos ao estudo de variados aspectos de nossa literatura. A meu convite, estiveram em sala de aula: Braga Montenegro, B. de Paiva, Parsifal Barroso, Nadyr Pápi Sabóia.

Tendo entrado por concurso na Universidade, trabalhei, por algum tempo, no ciclo básico. Nessa época, o *dernier cri* em questão de abordagem literária era o estruturalismo. Embora discordan-

do do modo mecanicista e redutor de examinar a literatura que esse método adotava, durante os chamados anos de chumbo, reconheço que as leituras a que me dediquei, à época, para melhor entendê-lo e melhor aplicá-lo, sobretudo alguns livros, cheios de *insights*, do genial Roland Barthes, assim como outros sobre formalismo russo, fenomenologia, semiótica e comunicação, contribuíram para ampliar meus horizontes analíticos e críticos.

Em 1974 e 75, participei, como aluna, de cursos de pós-graduação, nas áreas de Lingüística, Educação e Literatura. Neste último, coordenado pelo Prof. Pedro Paulo, a participação docente do Prof. Eduardo Portella trouxe-nos à discussão suas teorias de abordagem literária propostas em *Teoria da Comunicação Literária e Fundamento da Investigação Literária*. Em estudo comparativo entre *Vidas secas* de Graciliano Ramos e *Los perros hambrientos* do peruano Ciro Alegría, que apresentei no curso, germinam algumas características que continuei desenvolvendo em minha vida universitária, como docente e pesquisadora: o interesse crescente pela literatura brasileira do Nordeste, pela literatura latino-americana, pelos estudos comparativistas, além de preferência pela análise da narrativa ficcional.

A partir de 1977, participei, como mestranda, da experiência entusiasta da 1ª. turma do Mestrado em Educação, procurando direcionar meus estudos para o ensino de literatura. Em setembro de 1980, fiz jus ao título de Mestre, ao defender a dissertação intitulada *O caráter reprodutor do ensino de literatura nos cursos de letras*, tendo a Profª. Drª. Maria Lúcia Lopes Dallago como orientadora. Além das conclusões sobre o tema, a dissertação apresentava minha decidida adesão aos métodos críticos de Antônio Cândido, assim como sugestões para a melhoria do ensino de literatura e de letras na universidade. Algumas dessas sugestões foram posteriormente implementadas no Departamento de Letras Vernáculas e de Literatura da UFC.

Em 1984, assumi a coordenação do Curso de Especialização em Literatura Luso-Brasileira, embrião do futuro Curso de Mestrado em Letras. Escolhida pelos colegas da área de literatura para coordenar o projeto de implantação do Mestrado em Letras, fui também a primeira coordenadora do curso, inaugurado em 89 e que vem



sendo fonte de renovação na área da pesquisa e do ensino literários na UFC. No mesmo ano, iniciei Doutorado em Letras - Literatura Comparada-, na UFMG. Aqui ressalto o papel importantíssimo, em meu desenvolvimento como pesquisadora, de meu orientador de tese, Prof. Dr. Wander Melo Miranda, que soube unir respeito, amizade e seriedade intelectual na condução dos trabalhos de orientação. Em início de 94, concluí o curso de doutoramento com a defesa da tese *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*, publicada no ano passado pelas Edições UFC, em convênio com a Editora Sette Letras do Rio de Janeiro. O fato de ter cursado Doutorado em Literatura Comparada, e de ser membro da ABRALIC e da AILC (Associação Internacional de Literatura Comparada) contribui grandemente para os rumos de minhas pesquisas literárias, sedimentando uma tendência pessoal para os estudos comparativistas.

No livro sobre Vargas Llosa, analiso o procedimento luciferino de auto-contemplação empreendido pelo autor, quando inventa sua imagem de escritor-personagem da história e da cultura de seu tempo; multiplicando-se em seus personagens-escritores e em sua imagem de escritor-leitor da obra de outros escritores. A partir de uma dessas imagens, o personagem-escritor de *La tía Julia y el escribidor*, o romancista cria uma autobiografia paródica, reduplicando-a em *Elogio de la madrastra*, autobiografia alegórica que representa ficcionalmente a teoria vargasllosiana do escritor-Lúcifer, criador de um novo mundo. Desse processo alegórico, intensificado por elementos paratextuais, pictóricos e melodramáticos, emerge a imagem emblemática do escritor que projeto contra a paisagem cultural e histórica da América Latina, onde Vargas Llosa constrói seu território: o romance possível.

Atualmente, empreendo pesquisa sobre as ficções que contam o episódio de Canudos. Como muitos outros brasileiros, o tema de Canudos me seduzira a partir da leitura de *Os sertões*, mas meu itinerário a Canudos começou por um desvio: ao analisar o romance *La guerra del fin del mundo*, de Mario Vargas Llosa, que ficcionaliza a peregrinação de Antônio Conselheiro, a vida dos habitantes de Belo Monte e a luta de Canudos, senti necessidade de retomar à obra euclidiana e dela me encaminhei não só aos textos que analisam *Os sertões* e o episódio de Canudos, como me interessei por

conhecer outros textos que inscrevem a saga canadiana na ficção. Ao verificar que, ao lado da riqueza bibliográfica da crítica euclidiana, pouco havia sido escrito e pesquisado sobre essas obras de ficção, venho dedicando-me ao levantamento sistematizado e crítico da ficção que narra Canudos, em especial, do romance canadiano, encontrando no romance de Vargas Llosa seu exemplo mais afortunado esteticamente.

Fascina-me a coincidência de entrar na Academia no mesmo ano em que se rememora, no Brasil e no Exterior, o centenário do final da guerra de Canudos, da destruição de Belo Monte e da morte de Antônio Conselheiro; no mesmo ano em que tenho vivido e respirado os ares de Canudos pela visita ao palco dos dolorosos acontecimentos e pela participação, como organizadora ou conferencista, em simpósios e seminários, realizados em Colônia, Berlim, Fortaleza e Salvador, reunindo estudiosos de várias áreas para pensar criticamente o episódio, sua herança para a história e a cultura..

Senhores acadêmicos:

Reconheço, hoje, que a minha carreira de professora de literatura foi, por muito tempo, incompatível com o desenvolvimento de minha criação literária. As alegrias da vida - como meu amor por Oswald - e as dores da vida - como a perda de meu primeiro filhinho - me levaram a escrever poemas mas não a divulgá-los. Convencendo-me que escrevia somente para mim mesma, também permiti que Flora e seu mundo viessem ao papel. Incentivada por meus primeiros leitores, entre eles, meu pai e meu marido, assim como por Sâncio de Azevedo, Horácio Dídimo, Artur Eduardo Benevides e Moreira Campos, entre outros colegas, decidi-me pela publicação de *O Mundo de Flora*. Depois do batismo de fogo que representou a publicação desse romance, aprendi a ser menos rigorosa comigo mesma e a aceitar que não preciso atingir os altos padrões estéticos que minhas leituras desenharam e a carreira docente estratificou. Assim, continuei publicando, não só na área de criação como na de ensaio literário. Neste ano de 97, lancei uma coletânea de poemas, recolhendo páginas escritas da juventude à maturidade - *Canção da Menina* - e já tenho preparada outra coletânea, de contos, *Boneca de Louça*, a publicar brevemente, além de vários projetos em germinação.

Como Borges, fatalmente lembrado (mas, para mim, prazerosamente lembrado) ao se falar de escritor-leitor, como ele, me orgulho mais dos livros que li do que dos que escrevi e os que escrevi são ainda as tentativas de contar o que gostaria de ter lido. Assim, encerro essa história simples, da menina que não viveu as almeçadas aventuras, em correrias de cavalo pela Paris da Rainha Margot, que não lutou com os mais famosos espadachins, que não foi à lua nem ao fundo do mar, que não enfrentou Demóstenes, donzela-guerreira, mas a quem foi dado viver a mais bela aventura de muito amar e muito ser amada. A quem foi dada a fortuna de encontrar no pai sua enciclopédia do saber e do viver, na mãe, sua imaginação alada, no marido, a terra firme do amor e a onda fremente da paixão, nos filhos - Oswaldo Filho, Daniel e Angela Laís -, o motivo sempre renovado para amar a vida.

Senhores acadêmicos:

Há mais de 150 anos atrás, no dia 10 de fevereiro de 1846, em Caixa-só, hoje Iracema, no interior do Ceará, nascia um homem que viria a tomar-se, esse sim, um herói de verdade, um herói da medicina, José Cardoso de Moura Brasil, a quem, agora, com muita honra, ligo meu próprio nome, ao ocupar, nesta Academia, a cadeira n.º 18, que o tem como patrono.

No último dia do ano de 1928, o Dr. Moura Brasil despedia-se da vida. A extrema comoção nacional provocada por sua morte igualou-se, em intensidade, à demonstração de respeito, gratidão e carinho que lhe fora prestada, em todo o país e, especialmente, na capital, quatro anos antes, no jubileu de sua formatura médica.

Nas festivas comemorações dos cinquenta anos que o Dr. Moura Brasil vinha dedicando à Medicina, na especialidade oftalmológica, discursos, artigos de imprensa, pronunciamentos nos parlamentos, louvavam “o pai da oftalmologia brasileira”, “o cônsul dos desvalidos”, “O médico do pobres” (título de um drama sobre sua vida); reconheciam sua competência como cirurgião, sua dedicação à pesquisa científica, seu carinho pela terra natal e por seus conterrâneos, seu espírito benemérito.

A mais forte impressão sobre o patrono da cadeira 18, no entanto, causou-me, a leitura do discurso que Dr. Moura Brasil pro-

nunciara, em 1890, quando presidente da Academia Nacional de Medicina, em presença do Generalíssimo Chefe do Governo Provisório Deodoro da Fonseca e de seu Ministro do Interior. Com destemor próprio dos puros, visão do presente própria dos iluminados e perspectiva do futuro própria dos visionários, o Dr. Moura Brasil traçou o mapa da situação da saúde no Brasil, indicando as falhas da política ou des-política do Estado no setor e apontando as possíveis soluções para o quadro estarrecedor. É fascinante e entristecedor verificar a atualidade desse discurso. Senão, ouçamos alguns trechos de sua fala: .

“Abre-se no caminho glorioso desse governo reformador um imenso vácuo.

Empana-lhe a glória um grande erro. (...) Não me seria difícil chamar a contas o atual governo que homologou o erro de seus antecessores, para convencê-lo de culpa perante o futuro por ter descuidado a questão da saúde pública, questão altamente social. (...) Com relação a todas as grandes reformas, o governo quis, pôde e fez, com relação às questões da saúde pública ou não quis ou não pôde...porque o certo é que nada fez! (...) o que cresce de dia em dia é a cobiça, é a exploração dos que pretendem fazer fortuna rapidamente., e.. deixai-me dizer a palavra que devo ao governo do meu país e aos meus concidadãos, a lealdade de minhas convicções: o que cresce é a desídia dos poderes públicos.”

Neta, sobrinha, mulher, irmã e mãe de médico, conhecendo, pois, de perto, a missão de cuidar da saúde e das doenças humanas, orgulho-me de ter como patrono na Academia, um homem que soube honrar a profissão, no seu exercício competente, na pesquisa inovadora, na dedicação aos desvalidos, na luta aberta pela saúde pública, através da ação e da palavra.

Senhor presidente:

Outro médico, o Dr. João Otávio Lobo, que já ocupara a cadeira 26 da Academia, com a reforma de 1951, viria a ser o primeiro ocupante da cadeira 18. Nascido em Santa Quitéria, em 1922, Otávio Lobo morreu às vésperas de completar oitenta anos. Além de homem de ciências, Professor de Medicina Pública, na Faculdade de Direito, e de Higiene e Odontologia Legal, na Fa-

culdade de Farmácia e Odontologia, com trabalhos no âmbito da saúde pública, Otávio Lobo foi, também, homem de Letras, presidente desta Casa, tendo proferido discursos e publicado artigos no âmbito literário, destacando-se seus perfis literários e suas crônicas sobre o Ceará.

Sucedeu a Otávio Lobo na cadeira 18, o escritor Antônio Girão Barroso. Em bela oração pronunciada à entrada do poeta na Academia, João Clímaco Bezerra ressaltou seu “chapliniano entusiasmo”. Mais tarde, lembrando a morte do poeta, Artur Eduardo Benevides diria que Girão fora “talvez a última encarnação de Dom Quixote” e, mais, “um Santo da Poesia, a caminhar, com leveza de pétalas, em nosso interminável recordar”.

Se eu disser que Antônio Girão foi, em sua própria expressão, um filho do modernismo; se eu disser que seu nome está indelevelmente ligado às publicações cearenses de que foi fundador ou em que colaborou: Letras, Movimento, Itinerário, Clã, o jornal José; se eu disser que o poeta impulsionou e apoiou os mais representativos movimentos literários de Fortaleza: Escola Moça de Cultura, I Congresso de Poesia do Ceará, SCAP, Clã, Poesia Concreta, Grupo SIN, O saco, Seara, entre outros; se eu disser que foi, juntamente com meu pai, fundador do Clube de Cinema do Ceará, se eu disser que foi nosso primeiro crítico de cinema; se eu disser que estive ligado às primeiras tentativas, infelizmente, não logradas, de fazer cinema em nossa cidade, entre essas, a de rodar um filme sobre Fortaleza; se eu disser que foi um dos fundadores do Clube de Estudos Pontes de Miranda, embrião do PSB, em Fortaleza; se eu disser que era generoso com os poetas mais novos; se eu disser, usando suas palavras, que gostava de “manejar as coisas”... não conseguirei desenhá-lo tão fidedignamente o poeta como o farei, simplesmente repetindo alguns versos de sua autobiografia literária, intitulada “O poeta”:

Como as árvores já andam carregadas de frutos  
os meus bolsos estão carregados de poemas.  
E já pesam os meus bolsos como fardos  
eles, que eram vazios e felizes,

.....

Agora eles quase me doem, carregam coisas  
intraduzíveis

Pedaços de mim - leves esperanças  
alguma aurora que já vem pelo caminho.

.....  
Como as árvores, que já andam carregadas de frutos  
os meus bolsos estão carregados de poemas.  
Uma árvore, eu sei, pode se libertar do fruto  
mas, como poderei eu me libertar do poema?

Vi muitas vezes o poeta, em suas andanças pelo mundo dos mortais. Se não convivi com ele, lanço esse fato na minha lista do que poderia ter sido e que não foi, mas, apoiada nos tantos depoimentos sobre sua vida - em especial, o de meu pai e o de meu sobrinho Augusto César Mota, que foram seus amigos - e na leitura de sua poesia, direi que possuía o raro dom de poetar a vida e de viver a poesia.

Quando o poeta nos deixou, há seis anos, sua cadeira veio a ser ocupada por Geraldo Fontenelle, meu antecessor. Em 15 de dezembro do ano passado, a morte veio colhê-lo subitamente, quando vivia plena maturidade literária, preparando-se para lançar o livro *Mártires do Ceará*, sobre os participantes cearenses da Confederação do Equador e anunciando seu primeiro romance.

Nascido em Campo Maior, no Piauí, em 28 de maio de 1934, Geraldo Fontenelle foi radialista e jornalista, antes de dedicar-se à literatura. Em 10 de abril de 1961, ao entrar para a Academia Cearense de Letras, foi saudado pelo acadêmico e, hoje, presidente desta Casa, Professor Artur Eduardo Benevides. Em seu discurso, o poeta, além de salientar os méritos do novel acadêmico como ensaísta, cronista e ficcionista, ressaltou sua cultura humanística, tomando a palavra humanismo tanto no sentido de amor aos clássicos como no de síntese das ideologias que procuram salvar o homem.

Ao tratar a questão do humanismo em Geraldo Fontenelle, Artur Benevides conseguiu identificar o ponto mais sensível da obra de meu antecessor. Como um fio de Ariadne, o humanismo permite que caminhemos por seus livros, encontrando sempre o modo de penetrar com segurança em suas veredas aparentemente díspares.

Assim, nas crônicas e nos artigos jornalísticos ou nos contos e nas novelas, o que dá unidade aos textos de Geraldo Fontenelle é sua preocupação com o homem, é sua crença no homem.

Se, em seu primeiro livro, *Notas do caderno de um repórter* (83), Geraldo Fontenelle já revelara a preferência pelos problemas sociais como matéria de seu discurso jornalístico, no segundo, explicita sua proposta maior: a promoção do homem. Realmente, nas crônicas e artigos que compõem *As estrelas brilham também durante o dia* (84), Fontenelle inquieta-se com a apatia, a descrença, a miséria, a ambição e a inveja que reinam em nosso tempo e acena com a solução: “Repartamos com todos a nossa esperança”. Na coletânea de artigos jornalísticos, *Idéias - ação e atualização*, de 1987, o texto “A infância abandonada” é, ainda, exemplo de sua angústia diante do abandono em que vivem milhões de crianças brasileiras.

Nos seus livros ficcionais, *Os castiçais dos mortos* (88) e *O porto cinzento* (92), a tônica é a mesma: a esperança ou o desafio de acreditar em melhores dias para o homem. Entre os contos de *Os castiçais dos mortos*, destaco aquele que abre o livro e lhe empresta o título. A figura do Padre Leopoldo, paladino de uma causa perdida, em sua decisão robinhoodiana de roubar os castiçais dos túmulos dos mortos para atender à fome de seus paroquianos é uma das mais comoventes criações da pena de Geraldo Fontenelle.

As novelas “O sepulcro do mar” e “A manhã não vai chegar”, que compõem *O porto cinzento*, abordam, como diz Alcides Pinto, na apresentação do livro, “vidas marginalizadas, prostituídas, mas onde a esperança explode, apesar de tudo, como uma flor que se levanta do charco”. Encontrando seus modelos de personagens entre os moradores do Mucuripe e do Farol - como Cazusa, sua mulher Santinha e os filhos Tangerina e Sapinho, da primeira novela -, ou entre os sócios do Iate Clube - como o inglês James Beers, sua mulher Márcia, e os filhos Winston e William, da segunda novela -, a compaixão do autor é repartida com todos, todos vítimas de sua própria condição humana. No posfácio ao livro, Geraldo Fontenelle conclui que: “é preciso não deixar morrer a esperança”. Com a palavra esperança que lhe era tão cara, encerro seu perfil humano e literário.

Senhores acadêmicos, senhores membros da mesa:

Nessa casa centenária, entro, como a menina entrava na casa do bisavô, com um misto de medo e de encantamento: medo da responsabilidade de honrá-la como o fazem meus mestres Artur Eduardo Benevides e Pedro Paulo Montenegro, que aqui reencontro; meus colegas de Departamento de Literatura: Carlos d'Alge, Teoberto Landim, Linhares Filho; meus companheiros de lides universitárias, entre eles, Murilo Martins, Regine Limaverde e Diatahy Bezerra de Menezes; como o fazem as participantes da prestigiosa ala feminina, que saúdo lembrando o nome da decana Rachel de Queiroz; os poetas amigos, como Dimas Macedo e Juarez Leitão; os médicos-escritores, como Vinicius Barros Leal e Pedro Henrique Saraiva Leão, e os veteranos da Casa, em especial, Ribeiro Ramos, João Clímaco Bezerra, Abelardo Montenegro, o precursor dos estudos canadenses entre nós, e Dr. Antônio Martins Filho, nosso presidente de honra, meu amigo, o homem-marco da cultura do Ceará no Século XX.

Medo da responsabilidade de honrar a Academia, como o fizeram os que não mais estão entre nós, como Moreira Campos. Dentre os que me ouvem, há muitos privilegiados que conviveram com ele. Para esses, será doce recordá-lo. Sua imagem, nunca esquecida, vem-me nitidamente à lembrança: seu olhar jamais envelhecido e o sorriso leve de quem sabe as coisas do mundo e se sabe amado. Minha alegria, hoje, não é completa por não poder receber o abraço de meu querido mestre amigo.

Medo de não saber honrar a Academia, como o fizeram meus ilustres antecessores e tantos grandes nomes de nossas Letras, como o Barão de Studart, Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, Leonardo Mota, Raimundo Girão, Otacílio de Azevedo, Mário Linhares, Dolor Barreira, Nertan Macedo, Milton Dias, Otacílio Colares, Fran Martins e, muito especialmente, Tomás Pompeu. Ao homenagear o Dr. Tomás Pompeu, meu bisavô, como um dos maiores intelectuais que nossa terra, tão pródiga em valores culturais, terra da luz, já concebeu, conclamo-o para ser, a partir de hoje, aqui, meu anjo tutelar.

Medo de não fazer sentido entrar na Academia quando milhões de brasileiros não entram na escola e nunca poderão ler o que



para todos os brasileiros escrevemos. Mas, ao mesmo tempo, temperado o medo pela certeza de que, aqui, podemos seguir uma lição do mestre Antônio Cândido: "é preciso extrair algum resultado do estudo da literatura, alguma consequência para a orientação do homem".

Entro, pois, na casa de Tomás Pompeu, também, com encantamento. Com o encantamento que as palavras amigas e musicais de meu mestre e amigo, Artur Eduardo Benevides, evocam em mim. Repito, hoje, o que já lhe disse através de minha *Canção da Menina*: Em ilhas distantes,/ diáfanas,/ buscas, Poeta,/ a Bem-Amada./ A bela, a mágica,/a labiríntica/brinca de esconde-esconde/nos arabescos barrocos/que tua pena grava,/Poeta,/a ferro e fogo,/nos corações.

Entro com o encantamento do retorno à magia da infância. É o momento de unir as duas pontas da vida de que fala o bruxo do Cosme Velho. Lembro aqui a epígrafe de Cervantes que inicia meu livro sobre Vargas Llosa. Em suas andanças pela Espanha, o Cavaleiro da Triste Figura encontrou, certa vez, um prisioneiro, Ginez de Pasamonte, que lhe contou que escrevia um livro sobre sua própria vida. Perguntou-lhe Don Quijote se o livro estava terminado:

?Cómo puede estar acabado - respondió él - si aún no está acabada mi vida? Desdigo, pois, o que antes dissera: não encerro essa história. Início um outro capítulo da minha vida, talvez embalada pelo poema que Horácio Dídimo me dedicou: A Flor-menina / do casarão/ nunca termina/ sua canção.

Senhores acadêmicos, Papai, Mamãe, Oswaldo, mi suegra, meus filhos, minhas tias, meus amigos e amigas:

Agradeço a Regina Fiúza, Madalena e Vera, gentis presenças femininas da administração dessa Casa, a prestimosa colaboração para a beleza dessa noite. Nessa noite em que gostaria de ter a meu lado tantos entes queridos, que se foram, especialmente meu tio Thomaz Pompeu Rossas, meu sogro, Oswaldo Gutiérrez Amanzo, meu tio e padrinho Aderbal Freire e meu tio Fernando Mota, e, outros que não puderam vir, como tia Maria Rossas Freire e Tia Helenita Mota.

Agradeço as presenças de todos que aqui estão, em especial, Dona Maria José Alcides Campos, José Bonifácio Câmara e senhora, tia Maria Mota Junqueira e tia Leilah Mota Teixeira.

Obrigada por me ouvirem.